



O DIÁRIO DA MANHÃ

DIRECTOR: BARRADAS DE OLIVEIRA

EDITOR: ANTÓNIO DA FONSECA

PROPRIEDADE DA
COMPANHIA NACIONAL EDITORA
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
E OFICINAS
RUA DA MISERICORDIA, 95
TELEFONE 3 07 37
ENDEREÇO TEL. «DAMANHÃ»

A RÚSSIA DEPENDE DUM PEDAÇO DA ALEMANHA

HA tiros cujo estampido repercutiu durante décadas, na História das nações. Assim foi, na Rua do Arsenal, em Serajevo. Em Daüas.

Outros há, cuja detonação, almojadada nas distâncias, mal atinge o vago rumor dum trovão remoto. Mas se a estes, falta o fragoroso estrépito que assusta, põe em irradiar o fulminante clarão que estarrece. O clarão dum relâmpago em tardes estivais, prenunciando borrascas. Um clarão de very-light que, na calada da noite, subitamente nos descortina imprevisíveis vagas de assalto, a colearem entre ruínas.

A 3 de Dezembro de 1965, na zona oriental de Berlim, um tiro seco de pistola varou as têmporas de Erich Apel. Como tria o mundo escutar-lhe o eco, se os próprios moradores do apartamento vizinho cuidaram ser o estalo duma achá na lareira?

Mas se foi quase inaudível o deflagrar da arma suicida, já o seu instantâneo clarão nos desvendou o mais infame cenário de colonialismo tribal, ainda sonhado. Ofuscante, para alguns. Elucidativo, para todos.

Erich Apel foi o presidente da Comissão de Planeamento da «Deutsche Demokratische Republik». Os órgãos do Governo explicaram a sua morte, como resultante dum «curto-circuito». Sim, uma certa analogia existe entre um «curto-circuito» eléctrico, e o «breve-circuito» dum galinheiro. Na esperança de se formarem a indagações incómodas, os altos escalões decretaram ex-

ções pomposas, com honras de Chefe de Estado.

Alguma ponderável razão se alapardava atrás dos bastidores. Senão como legitimar o confusio-nismo adrede lançado pelo jornal do partido, ao noticiar o súbito falecimento daquele figurão, conhecido por sua «dureza» e independência?

Naquele mesmo dia e naquela mesma página do «Neues Deutschland», ocorreu uma coincidência mais que muito suspeita: a divulgação dum novo tratado comercial por cinco anos, e no valor astronómico de 15 biliões de dólares, assinado com os representantes soviéticos. Quem não sofra de cataratas, logo verá o polpudo recheio daquele diploma.

Como quem distende uma cortina de fumaça, o «Neues Deutschland» saudou o convénio, tanzando-o «o maior tratado comercial, já assinado entre duas na-

ções». E, qual se abrisse uma fenda nessa cortina, a voz de Kenneth Ames, em nome da Imprensa do Ocidente, apartava a 16 de Janeiro deste ano: «O maior tratado, não! Um gigantesco roubo!».

Não se considere temerário o juízo do arguto jornalista. Meses antes, já o mesmo Erich Apel, a certa altura das conturbadas negociações, se rebelara, indignado contra a passividade dos seus colegas de Governo: «Isso não é um tratado de comércio, é sim um instrumento de exploração colonial!».

Apel sempre se mostrou um homem in comum. Antes da morte, pelas revelações do seu diário, cujos cadernos durante dois anos já remetendo para os

(CONTINUA NA 7.ª PAGINA)

PAULO ORÓSIO

DEMOROU HORA E MEIA A VISITA FEITA PELO CHEFE DO ESTADO A DUAS EXPOSIÇÕES SOBRE A PONTE SALAZAR

AS diversas fases da construção da ponte sobre o Tejo — desde a assinatura do contrato até à colocação da última peça — foram recordadas, ontem à noite, pelo Chefe do Estado, durante a demorada visita que fez à Exposição Retrospectiva da Ponte Salazar.

A exposição — constituída por maquetas, fotografias e gráficos — está, desde há dias, patente ao público na Feira Internacional de Lisboa.

O Presidente da República, acompanhado pelo comandante Guilherme Thomaz, da sua Casa Militar, foi recebido pelos Subsecretários de Estado da Juventude e Desportos e das Obras Públicas; director, subdirector e técnicos do Gabinete da Ponte sobre o Tejo e outras entidades.

Aqui, ao Chefe do Estado assistiu à projecção de «slides» evocativos das diversas fases de construção da grandiosa obra, comentados pelo Eng.º Carlos Lima, técnico do Gabinete da Ponte.

Antes, ao Almirante Américo Thomaz e aos restantes convidados — confirmando uma tradição do Gabinete da Ponte — foi servida uma chávena de café.

São 12 118 os trabalhos que constituem a «ponte vista pelas crianças»

O Presidente da República dirigiu-se, depois, sempre acompanhado pelas individualidades já referidas, para a ala do edifício da F.I.L., onde está instalada a exposição «A ponte vista pelas crianças», organizada pelo Ministério da Educação

(CONTINUA NA 7.ª PAGINA)

OS TURISTAS E OS ESTUDANTES SÃO A MAIORIA DOS VISITANTES DOS MUSEUS DE LISBOA

OS ESTRANGEIROS REPRESENTAM 89 POR CENTO DOS FREQUENTADORES DO MUSEU DOS COCHES — O PREFERIDO

NUM SÓ DIA: 2435 TURISTAS ADMIRARAM OS VELHOS CARROS

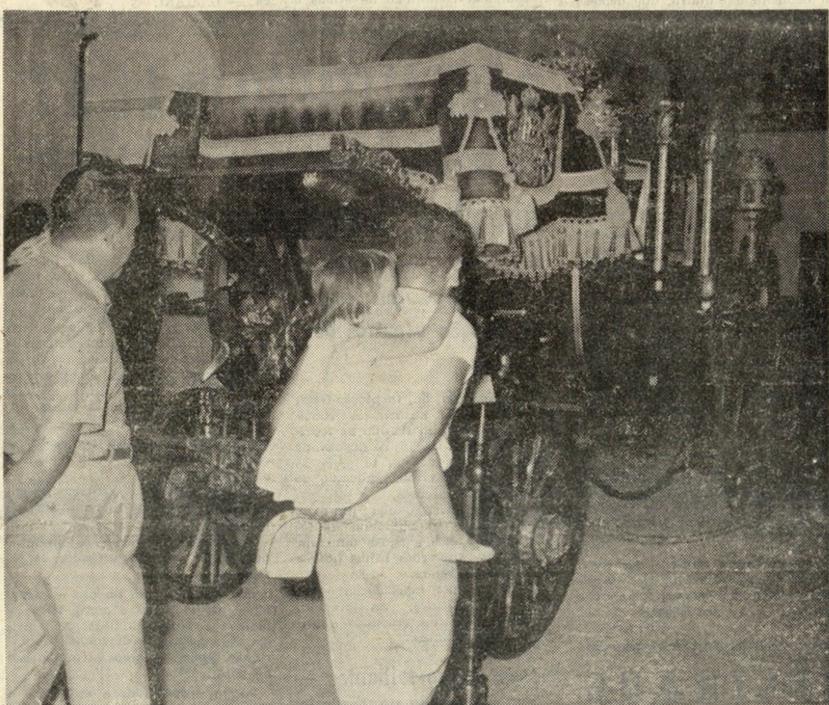
ENTRETANTO, O MUSEU DA CIDADE PARECE ADORMECIDO E ESQUECIDO

zação do Sr. presidente? Não era propriamente da Sr. directora que iam à procura, mas sim de visitantes e quanto a autorizações não nos havíamos preocupado com elas, pois havíamos julgado que a nossa qualidade de jornalista nos daria livre acesso, o acesso que horas depois haveríamos de deparar nou-

Belém e das margens do Tejo ao Campo Grande, deparam-se com algumas das mais valiosas colecções de arte, de arqueologia, de numismática, de carruagens, de despojos militares, que em todo o Mundo se pode deparar. Muito foi perdido pelo tempo, muito mais foi destruído pelos homens, mas o que resta dá-nos pelo seu alto valor a autêntica noção do poder criador de um povo nos mais diversos campos da actividade humana.

Os museus de Lisboa ascendem a uma dezena. As suas portas abrem ao público às 11 horas e encerram-se às 5 da tarde e encontram-se instalados nos pontos mais diferentes da cidade. Percorrê-los todos,

(CONTINUA NA 8.ª PAGINA)



UM CONTRASTE: ADMIRANDO UM MEIO DE TRANSPORTE DO SÉCULO PASSADO UM PAI VISITANTE TRANSPORTA SUA FILHA UTILIZANDO UM MEIO DE TRANSPORTE MUITO MAIS ANTIGO QUE REMONTA AS ORIGENS DA HUMANIDADE

SÃO onze horas da manhã e o museu encontra-se vazio. Passam as onze e o museu mantém-se sem ninguém. Que acontecerá nesta cidade que leva o Museu da Cidade a não ter nenhuns visitantes? As suas salas são amplas e o que ali se encontra exposto conta-nos a história de uma cidade cujas origens se perdem nos confins da História. Por que motivo este museu, instalado num belo palácio, o máximo que tem nos dias de maior afluência, com entradas pagas, é de cinco a seis visitantes? O lisboeta não gostará de ver museus? O turista será de opinião que os museus de Lisboa não merecem ser visitados? É um mundo de perguntas que nos aconteceu no momento em que entramos no Palácio da Mitra para iniciarmos a nossa reportagem sobre a afluência de visitantes aos museus de Lisboa. Começámos pelo Museu da Cidade. Ao não vermos ninguém, achámos o jac-

to natural. Ainda era cedo. Apenas onze horas da manhã. Trocámos impressões com o porteiro que resolveu levantar problemas quanto à presença do fotógrafo que nos acompanha.

«Neste museu não se podem tirar fotografias», informa-nos do alto do seu pedestal, que nesse momento era formado apenas por dois ou três degraus de uma escada. Informamos o porteiro cumpridor que somos e qual o motivo da nossa presença. Parece não ouvir nada, apenas a máquina fotográfica o parece incomodar. «Não chegou ainda a Sr.ª directora. Trazem autori-

tos museus, que não da cidade, mas na cidade...

Em boa verdade, o que tanto preocupava o zeloso porteiro nunca poderia acontecer, pelo simples e único motivo que a nossa reportagem ia em busca de flagrantes de visitas e o museu não o tinha visitantes nenhuns...

Lisboa: mais de uma dezena de museus

Lisboa tem mais museus do que muita gente pensa. Na vasta zona que se estende do Poço do Bispo a

NOTA INTERNACIONAL

DESORIENTAÇÃO

UM jornal de Kinshasa (ex-Léopoldville), que por sinal se chama «Le Progrès», mostra-se alarmado com o progresso da influência norte-americana no país e manifesta o receio de que os Estados Unidos se proponham substituir a Bélgica na área do Congo.

Está claro que isto não implica a ideia de que os congolezes possam vir a efectuar uma evolução retrógrada, contrária ao espírito da descolonização. A preocupação seria pueril porque não se conhecem fenómenos regressivos dessa espécie. Um «descolonizado», suceda o que suceder, tem de arrastar o fardo da sua liberdade, por mais penosa que ela seja.

Nem os americanos poriam jamais um problema dessa espécie. Continuam a acreditar em por cento na virtude da independência como panaceia para todos os males que afligem aqueles que nunca a tiveram e não fazem a mínima ideia do que ela possa efectivamente representar.

Por isso, os americanos em causa algum se permitiriam pôr em causa esse tributo de que a munificência dos belgas revestiu o Congo. Mas, isto nada tem que ver naturalmente com o predomínio económico e até com o controlo político. No seu conceito, excessivamente simplista, na independência para africanos

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

POSTAIS ILUSTRADOS

EM PARIS, SEM PLANO

SEM plano, a vida dum turista apressado dispersa-se a cada passo, à mercê de súbitas solicitações, de inesperadas curiosidades. O tempo consome-se, não digo inutilmente para se poder aproveitar os mil pormenores que a cidade nos oferece no itinerário das ruas e anedotas, no movimento do quotidiano.

Vagabundear em Paris ao ca-

so é mesmo um prazer e um encanto. Por aqui e por ali, as nossas leituras recordam-nos casos, figuras e tipos. Isto de sem plano tem os seus inconvenientes, mas se aplicássemos a técnica de contabilidade, certamente verijicariamos um saldo positivo de vantagens.

Uma viagem cronometrada dá-me a impressão de que o turista esta mais a soldo da agência, obrigado a ver pelos olhos do dirigente da excursão e a emburhar na memória o relato estereotipado: aqui Torre Eiffel, tantos metros de altura e assim por diante, na sequência do percurso...

Mas voltemos a Paris. Lembrou-me duma descrição admirável que Romains fez dum rapazito que atravessou Paris a guiar um arco, isto por ocasião da primeira guerra. A minha memória é frágil, mas fixou-se-me essa movimentada travessia por um bairro da cidade.

É certo que ao passar na Sorbona recordei a dinastia dos Gouveias, de um dos quais se tem falado em reduzi-dos meios intelectuais, a propósito do seu centenário.

Penso não se comemore con-dignamente essa data, porque se trata duma figura europeia, com larga projecção no seu tempo e até para além do seu tempo.

(CONTINUA NA 7.ª PAGINA)

CARLOS LOBO DE OLIVEIRA



O ALMIRANTE AMÉRICO THOMAZ NA EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DA PONTE

União Nacional

A REVOLUÇÃO DEVORA OS REVOLUCIONÁRIOS

É a oposição da esquerda que Estaline se decide a quebrar, submetendo as suas figuras mais representativas a um processo retumbante que se iniciou e se encerrou em Agosto de 1936.

Zinoviev e Kamenev, apesar de estarem presos, são acusados de conspirar com Trozki e com os elementos da antiga Gestapo.

Figuras no rol outros bolchevistas notórios, homens que participaram na Revolução de Outubro e que não conseguiram adaptar-se ao repúdio do passado.

Dezasseis condenados: dezasseis condenações à morte. As execuções realizaram-se no dia seguinte.

No entanto, foram respeitadas as formalidades do processo e os réus, em geral, prescindiram da assistência de advogados e fizeram «confissões espontâneas» em abundância.

Este primeiro processo deu à luz segundo processo, arrastando aos tribunais pessoas que ti-

nam sido postas em causa nas audiências ou na fase da instrução.

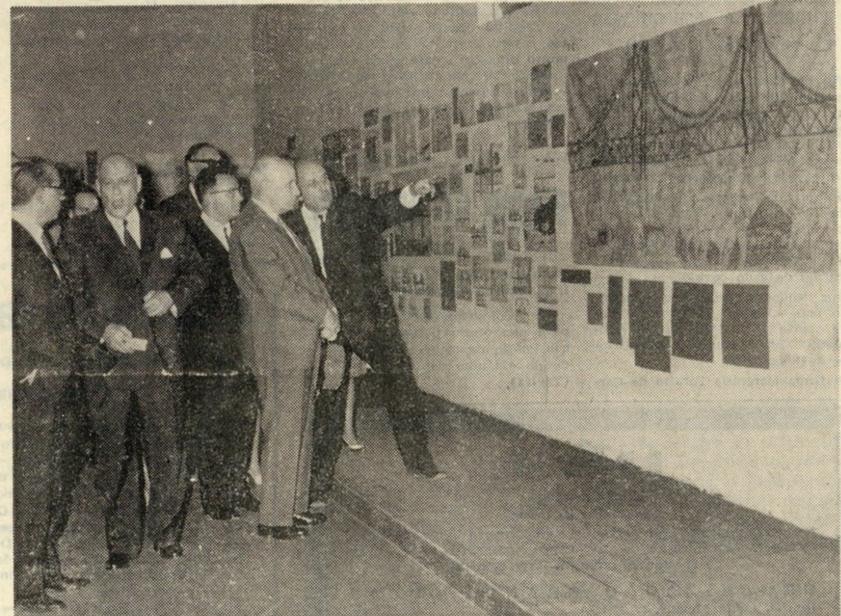
Em Janeiro de 1937 começou novo julgamento.

Fram dezasseis os acusados. Entre eles destacavam-se Radok, reputado jornalista soviético e corresponsável com Liebknecht e Rosa Luxemburg pelo movimento espartaquista que eclodiu na Alemanha em 1918. Outros nomes: Piatikov, antigo presidente do Governo da Ucrânia, Sokolnikov, velho companheiro de Lenine, Serebriakov, secretário do Politbureau.

No processo, que foi público, repetiu-se a cena das «confissões espontâneas», muitas delas perfeitamente inverosímeis.

A sentença condenou à morte treze dos réus.

Entretanto, adensava-se a atmosfera de terror e os suicídios seguiam-se aos suicídios. A Revolução devorava os revolucionários.



O CHEFE DO ESTADO APECIANDO OS TRABALHOS QUE AS CRIANÇAS APRESENTARAM A PROPÓSITO DA PONTE SALAZAR